



O Processo Histórico e Geográfico das Paisagens do Vale do Rio Paraíba do Sul

Ana Marcela França de Oliveira ¹

RESENHA DO LIVRO

Oliveira R, Lazos A (org.) 2018. *Geografia Histórica do Café no Vale do Rio Paraíba do Sul*. [recurso eletrônico] Ed. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 302 pp. Disponível em: <http://www.editora.vrc.puc-rio.br/media/geografia%20historica%20do%20cafe%20no%20vale%20do%20rio%20paraiba%20do%20sul.pdf>

A história que atravessa o Vale do Rio Paraíba do Sul, na região sudeste do Brasil, é intensa e provocadora. Por que entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo existem tantos morros “pelados”? É uma pergunta que para um leigo talvez não seja tão inquietante, mas para aqueles que têm o olhar minimamente treinado para compreender a paisagem esses morros não passam despercebidos. A história do Vale do Paraíba faz parte de uma parcela importante da história do Brasil, de sua produção cafeeira, da energia produzida pela mão de obra escrava, dos senhores das fazendas e das transformações ecológicas que a presença do café implicou, entre outras interações igualmente relevantes.

¹ Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. com período sanduíche em Birkbeck, University of London. Pós-doutorado em andamento pelo Centro de Estudios de la Argentina Rural da Universidad Nacional de Quilmes, CONICET/UNQ, Argentina. anamarcelaayos@gmail.com

Ana Marcela França de Oliveira

O livro “Geografia Histórica do Café no Vale do Rio Paraíba do Sul”, organizado por Rogério Oliveira e Adi Lazos, traz à luz uma série de questões que envolvem o intenso cultivo do café na região do Vale, sobretudo no século XIX. A obra é composta por 13 capítulos escritos por distintos autores e é produto de uma disciplina que foi ministrada no Programa de Pós-graduação em Geografia da PUC-Rio, intitulada Ecologia Histórica do Café. A metodologia adotada para a realização do trabalho de campo foi inovadora ao ter como uma das vias de estudo e reconhecimento da paisagem o uso da bicicleta por todos os autores, então integrantes do curso, incluindo alunos e professores. As pesquisas de campo tiveram como principal “centro de operações” a cidade paulista de São José do Barreiro, sendo feitas visitas também a outros povoamentos da região do Vale, às fazendas, campos e fragmentos florestais que foram palco da produção cafeeira. Segundo os organizadores, o uso da bicicleta proporcionou uma maior aproximação do grupo não somente com os elementos paisagísticos que relatam a história da região, mas também permitiu um contato mais íntimo com seus moradores. Nessa aproximação, muito do conhecimento próprio de quem vive no lugar e que tem aí pelo menos parte de seu passado se entrelaçou com o conhecimento científico do grupo, o que resultou em um livro fascinante e inovador sobre a geografia histórica do Vale do Paraíba.

Os primeiros capítulos apresentam a metodologia aplicada e o marco teórico adotado, o qual se concentra principalmente na inter-relação entre as áreas da História Ambiental, Geografia Histórica e Ecologia Histórica. Através dessa base teórico-metodológica de caráter fortemente interdisciplinar foram feitos os estudos das paisagens levando em consideração as interações entre os agentes sociais e ecológicos, compreendendo a paisagem como fruto das relações entre os elementos humanos e não humanos ao longo do corte histórico definido. Dessa maneira, se expande a observação e o estudo da paisagem para além de sua condição espacial para abarcar também a sua dimensão temporal, o que torna a paisagem dinâmica no fluxo que engloba o passado, o presente e o futuro. Pensado dessa forma, o livro se concentra nas interações pretéritas do ciclo do café, na realidade socioecológica atual, assim como apresenta possíveis soluções de restauração florestal e produção sustentável como possibilidades de reativação econômica e ecológica da área do Vale. Por esse viés, os autores entendem a paisagem como um processo, de maneira que o estudo histórico e geográfico do lugar se compromete em pensar o seu futuro – como muito bem apresentado no último capítulo o panorama atual do café brasileiro –, pois, justamente, o que a maioria dos capítulos aponta é para o fato de se considerar as resultantes da produção cafeeira nos diferentes estratos da paisagem atual.

Ana Marcela França de Oliveira

Por outro lado, a própria terra relata a sua história. Partindo de estudos dos paleoterritórios, já amplamente utilizados em outras experiências pelo professor Rogério Oliveira e seus alunos², foram observadas as marcas do trabalho humano na paisagem. A transformação de antigas florestas da Mata Atlântica em campos que hoje chegam a se assemelhar às savanas, como é comentado em mais de um capítulo, ficou impressa nos morros do Vale, ao empobrecer a terra, intensificar e provocar processos erosivos, alterar o volume de pluviosidade, mudar aspectos hidrológicos da região, por ter sido explorada a monocultura seguida da entrada do gado, entre outros fatores que são analisados detalhadamente pelos autores. “Ou seja, o presente é visto como resultante de uma transformação do passado” (Oliveira 2018).

Também, através dos paleoterritórios os autores do capítulo 4 comentam que se pode fazer visível a oculta história das minorias sociais que não aparecem nos registros escritos, por meio de vestígios materiais ou imateriais deixados por populações passadas - como negros escravos e quilombolas - e que estão igualmente impressos na paisagem. Esse é um tema importante que o livro apresenta e que é sugerido ao longo de alguns capítulos através da atual “exclusão social” sofrida por certos habitantes locais que foram entrevistados. Devido às políticas de preservação ambiental, como a criação de reservas e parques, uma parcela de pequenos produtores se sente privada de explorar o meio com o qual convivem e ganham o seu sustento, o que acaba por gerar uma impressão negativa em relação à presença de órgãos ligados à conservação ambiental. Um trabalho, igualmente da área de geografia, que apresenta uma boa reflexão sobre o tema ao pensar a paisagem na atualidade é “A (re) significação da paisagem no período contemporâneo”, de Maria Teresa Luchiari (2001), em que a autora faz reflexões sobre as controvérsias referentes ao “uso seletivo do território”, quando aplicadas leis de preservação e de desenvolvimento social. Ao tocar nesse ponto, sem a intenção de querer provocar maiores polêmicas, “Geografia Histórica do café” nos faz perceber que os sujeitos ocultos que deixaram as suas marcas na paisagem, persistem hoje, de alguma forma, nos sujeitos sociais que muitas vezes perdem o direito de uso dos recursos naturais em nome da conservação do meio ambiente.

Outro ponto a ressaltar é o uso de percepções mais abrangentes, que não se limitam às terras cultivadas pelo café, para se pensar o processo de ocupação e utilização do território. É o caso do uso de noções como circularidade e conectividade trabalhadas no contexto das relações sociais, econômicas e ecológicas que envolviam a produção do café e a dinâmica que isso acarretava. Deste modo, são conectados os caminhos que transportavam o café morro abaixo em direção aos portos e os escravos

² Um exemplo publicado por essa mesma revista é Lazos et al. 2018.

Ana Marcela França de Oliveira

negros que chegavam como energia propulsora nos cafezais de morro acima, acompanhados de todas as problemáticas que esse movimento abarcava, como intercâmbio de mercadorias, culturas e espécies. Igualmente, a ideia de conectividade ecológica trabalhada no capítulo 6 aponta para a importância de serem conservadas espécies arbóreas na intenção de ser gerado um ambiente saudável, seja em se tratando de fragmentos florestais, seja através de distintas formas de manejo sustentável, como o uso dos sistemas silvipastoris.

Algo que poderia ter sido mais aprofundado no livro é a relação entre a ideia do Antropoceno e a cultura cafeeira do Vale. Compreende-se o porquê do uso do termo na amplitude da discussão proposta pelos autores, mas já que o Antropoceno foi usado como uma ferramenta base para pensar as resultantes dos eventos associados à cultura cafeeira no Brasil, penso que ele poderia ter sido mais problematizado, mesmo que brevemente. Isso porque o seu uso está sendo atualmente questionado (Adams 2019). Uma obra que repensa o termo e que poderia ter ajudado a reforçar o argumento sobre a sua utilização é “Anthropocene or Capitalocene? Nature, history and crisis of Capitalism”, editado por Jason W. Moore (2016); ou mesmo outros trabalhos que discutam a validade da concepção de Antropoceno de um ponto de vista favorável (McNeill & Engelke 2016). Ainda assim, o livro não deixa de perder a excelente qualidade de seu conteúdo e de ser claro em relação ao seu principal argumento sobre a trama que envolve a constante transformação das paisagens.

Deste modo, todos os capítulos do livro oferecem soluções possíveis de serem aplicadas no Vale do Paraíba, sendo que alguns discutem a presença de áreas de proteção. Estudos técnicos e teóricos foram realizados pelos autores e esse conteúdo está muito bem explicado em seus textos. Com o intuito de apresentar esse projeto também para o público não acadêmico, a linguagem usada no livro, mesmo tendo presente termos e elaborações técnicas, é capaz de ser compreensível por um leigo da área da geografia histórica. Esse compromisso está expresso pelos autores não somente em seu produto final, o livro, mas em todo o processo de elaboração de seu conteúdo, uma vez que o conhecimento local foi valorizado e a realidade das políticas públicas foi considerada.

Portanto, depois da leitura de “Geografia Histórica do Café” qualquer pessoa que passe pelos morros “pelados” dominados pelas gramíneas no Vale do Paraíba, vai enxergar os rastros longitudinais do café, os antigos caminhos marcados pelos carros de boi, os tropeiros, a pecuária que ainda persiste na região e a ausência de grandes florestas e da gente local que se foi no processo de êxodo rural. Porém, verá ao mesmo tempo possibilidades concretas de reverter essa ausência através do que é sugerido pelos autores, e quem sabe os morros pelados passem a ser uma paisagem que carregue em si uma história de renovação e de harmonia.

Ana Marcela França de Oliveira

REFERÊNCIAS

- Adams M. Anthropocene doesn't exist and species of the future will not recognise it. *The conversation* [artigo da Internet]. 2019 mar [citado 2019 abr 04]: [cerca de 3 p.]. Disponível em: <https://theconversation.com/anthropocene-doesnt-exist-and-species-of-the-future-will-not-recognise-it-111762?fbclid=IwAR0mYSxVu0cszROllcB9h9pJUAKliukhpMhO965VADTSJpEPnOYZkkDFCJs>.
- Lazos A, Freitas H, Nunes R, Oliveira R, Sada S 2018. Conexões ecológicas no paleoterritório do café. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* 7 (3): 100-122.
- Luchiari MTD 2001. A (re) significação da paisagem no período contemporâneo. In R Corrêa. *Paisagem, Imaginário e Espaço*. EdUERJ, Rio de Janeiro, p. 09-28.
- McNeill JR, Engelke P 2016. *The Great Acceleration: An environmental history of the Anthropocene since 1945*. Harvard University Press, Massachusetts, 280 pp.
- Moore J 2016. *Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism*. PM Press, Oakland, 222 pp.
- Oliveira R 2018. Devagar quase parando: o uso da bicicleta como ferramenta para o estudo da paisagem. In Oliveira R, Lazos A (org.) *Geografia Histórica do Café no Vale do Rio Paraíba do Sul* [recurso eletrônico], Ed. PUC-Rio, Rio de Janeiro, p. 37. Disponível em: <http://www.editora.vrc.puc-rio.br/media/geografia%20historica%20do%20cafe%20no%20vale%20do%20rio%20paraiba%20do%20sul.pdf>.

The historical and geographical process of the landscapes of the Vale do Rio Paraíba do Sul

Submissão: 16/03/2019
Aceite: 05/04/2019